


INSTITUTO

 SOCIOAMBIENTAL
 Documentação
 Fonte: FSP
 Data: 15/5/96 Pg. 6-8
 Class.: 08

CACAU ONG tenta conter devastação

Crise na BA destrói Mata Atlântica

JOSÉ ALBERTO GONÇALVES
 da Reportagem Local

A crise do cacau no sul da Bahia está ampliando a destruição da Mata Atlântica, cujas áreas remanescentes representam de 2% a 7% de sua cobertura original.

Por causa da queda nos preços internacionais do cacau e da vassoura-de-bruxa, doença que assola as plantações, produtores estão abandonando a lavoura e desmatando a floresta para formar pasto ou vender madeira.

No sul da Bahia, 80% da área de cacau é plantada em sistema de cabruca. Nesse sistema, são cortadas as árvores mais baixas e finas e preservadas as mais altas, onde o cacau é cultivado.

Com o objetivo de frear o desmatamento, ONGs (organizações não-governamentais) ambientalistas apóiam os agricultores dispostos a conservar a mata em suas fazendas, em troca de assistência técnica a cultivos alternativos.

O Iesb (Instituto de Estudos Sócio-Ambientais do Sul da Bahia), por exemplo, está fazendo acordos com grandes fazendeiros que têm áreas próximas à Reserva Biológica do Una, perto de Ilhéus.

Desde agosto de 95, quando começou o projeto, foram selecionadas dez fazendas.

Seus proprietários se comprometeram a conservar áreas de flo-

resta, que seligam à reserva.

O Iesb presta orientação técnica aos fazendeiros na implantação de projetos de piscicultura e culturas de transição entre a lavoura e a mata, como açaí e pupunha.

“Queremos diminuir o impacto da atividade agrícola sobre os remanescentes da floresta”, afirma Keith Alger, diretor do Iesb.

Para ajudar pequenos produtores, o WWF (Fundo Mundial para a Natureza) apóia a implantação de sistemas agroflorestais.

Segundo Robert Buschbacher, diretor do WWF, uma das principais preocupações da entidade é inserir os aspectos de beneficiamento e comercialização nos projetos.

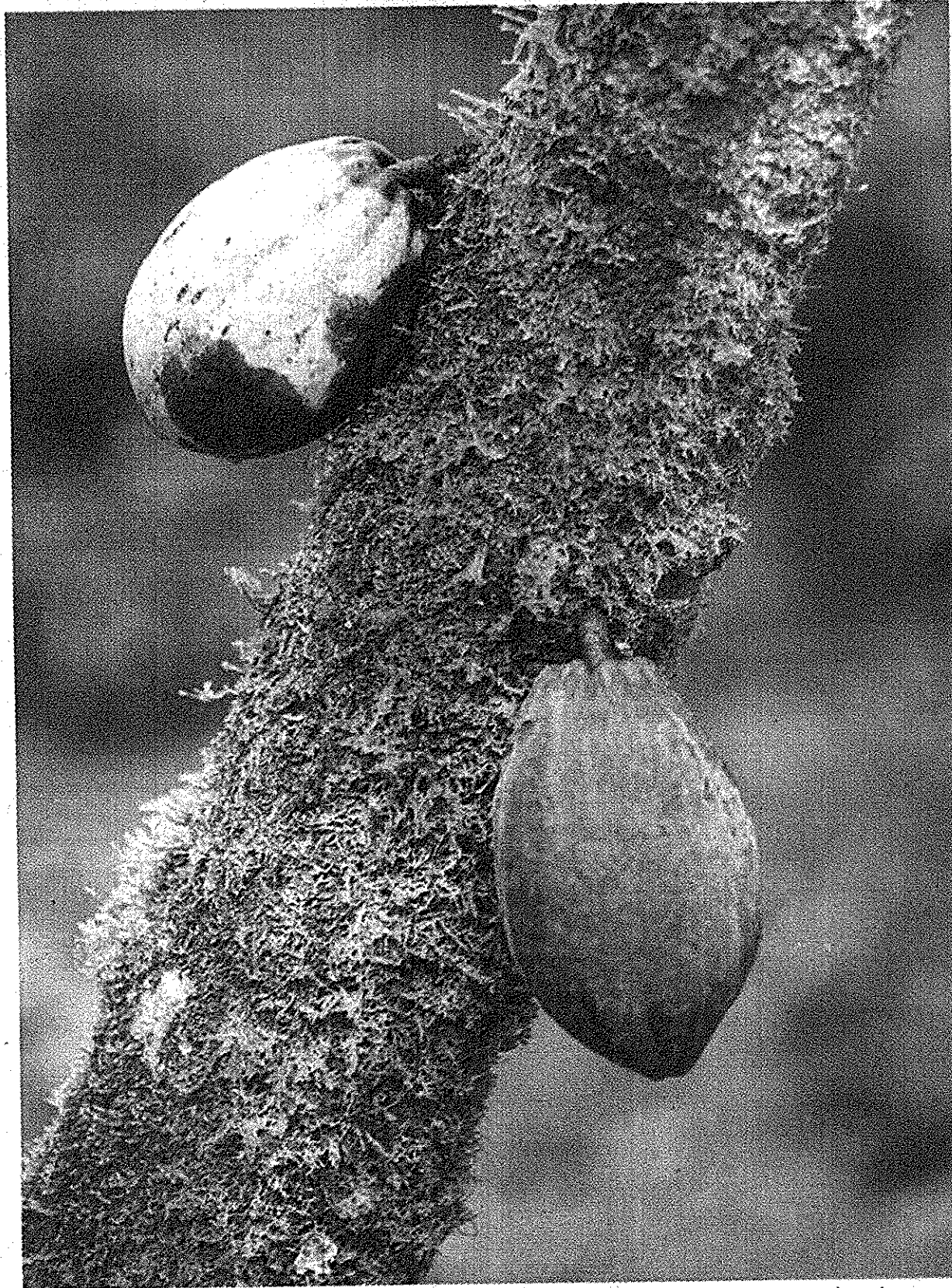
“Se os produtores não conseguem renda com seus cultivos, eles acabam partindo para o desmatamento”, diz ele.

Na comunidade de Japu, em Ilhéus, uma associação de pequenos produtores está formando uma cooperativa para vender cacau orgânico à Holanda.

Em vez de adubos químicos, são empregados nas lavouras cascas de cacau e de mandioca, além de esterco.

O diretor do WWF diz que os consumidores europeus se dispõem a pagar mais por alimentos saudáveis e cujo sistema de produção contribui com a preservação da floresta tropical.

Luiz Carlos Muraskas/Folha Imagem



Plantação de cacau em Ilhéus, sul da Bahia, onde a doença da vassoura-de-bruxa está atacando as lavouras

Entidade quer 'royalty verde'

da Reportagem Local

A adoção do “royalty ecológico” pelo governo da Bahia pode conter a degradação da Mata Atlântica no sul do Estado, segundo Keith Alger, diretor do Iesb.

Esse royalty é uma compensação financeira dada pelos Estados aos municípios que tenham restringido seu desenvolvimento econômico devido à preservação de áreas de interesse ambiental.

A compensação se refere a uma parcela dos recursos do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) e multas sobre danos ao meio ambiente.

O “royalty ecológico” já foi adotado pelos Estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Segundo estudo do Iesb, a Bahia possui mais de 900 mil ha de áreas destinadas à conservação de solos, água, fauna e flora.

Os municípios onde se localizam essas áreas têm seu potencial de arrecadação de impostos e geração de empregos limitado.

Segundo o Iesb e o WWF, o “royalty ecológico” eleva o montante de recursos disponíveis para a manutenção das áreas protegidas.

A Mata Atlântica no sul da Bahia possui a maior diversidade de espécies florestais do planeta, segundo Alger.

Pesquisa realizada em 1993, na região de Ilhéus, pelo Jardim Botânico de Nova York e pela Ceplac (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira), revelou a existência de 450 espécies diferentes de árvores em 1 ha de floresta.

O número bateu o recorde anterior de 300 espécies encontrado nos Andes peruanos em 1986.

A região também é o habitat exclusivo de espécies animais ameaçadas de extinção como o mico-leão-de-cara-dourada e o macaco-prego-de-peito-amarelo, de acordo com Alger.